

## **Metrô vai investigar contratos feitos com a multinacional Alstom**

*Decisão foi tomada após reportagem publicada no "Valor" apontar que a empresa é investigada por pagamento de propina no Brasil*

*Policiais suíços teriam dito a colegas brasileiros suspeitar que US\$ 6,8 mi foram pagos como propina pela Alstom para obter contrato do Metrô*

DA REPORTAGEM LOCAL  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

DA AGÊNCIA FOLHA, EM CURITIBA

O Metrô de São Paulo decidiu ontem investigar os contratos firmados com a empresa Alstom entre 1995 e 2003, após reportagem publicada pelo jornal "Valor" sobre a investigação, aberta na França e na Suíça, para apurar indícios de que a multinacional pagava propina para obter contratos no Brasil.

Segundo o diário, que reproduz reportagem do "The Wall Street Journal", policiais suíços, em contato com colegas brasileiros, disseram suspeitar que US\$ 6,8 milhões foram pagos como propina pela Alstom para ganhar um contrato de US\$ 45 milhões com o Metrô.

Por meio da assessoria de imprensa, a Divisão de Combate a Crimes Financeiros da Polícia Federal, em Brasília, informou que não foi procurada por representantes de polícias da França ou da Suíça para tratar de casos envolvendo a Alstom. O Ministério Público de Paris abriu um inquérito em novembro de 2007 motivado por uma denúncia da Justiça da Suíça. Em 2004, autoridades suíças descobriram documentos que provavam que 20 milhões destinados a companhias offshore ligadas à Alstom na Suíça e em Liechtenstein passaram pelo Tempus Privatbank AG, um pequeno banco suíço de investimentos, antes de serem transferidos para contas no Brasil, na Venezuela, na Indonésia e em Cingapura.

O escritório de auditoria e consultoria financeira e tributária KPMG, responsável por auditar as contas do Tempus, concluiu que a operação bancária em questão era destinada a financiar atos de corrupção.

Além dessa suspeita, um intermediário de um político brasileiro, não identificado na reportagem, teria pedido comissão de 7,5% da Alstom para facilitar que a empresa firmasse contratos com o Metrô.

O suposto caso de corrupção teria ocorrido nas gestões do governador Mário Covas, que assumiu em 1995, e do ex-governador Geraldo Alckmin, que deixou o cargo em 2006, ambos do PSDB.

Em nota oficial, a companhia afirmou que vai averiguar todos os contratos do período, mas não informou o montante dos contratos em vigor. Já a Alstom nega que tenha por prática pagar propinas.

A Alstom faz parte do consórcio das empreiteiras OAS, Queiroz Galvão e CBPO-que, em 2004, assinou contrato de R\$ 1,8 bilhão com o Metrô para o primeiro trecho da linha 4.

Em setembro do ano passado, o TCE (Tribunal de Contas do Estado) condenou um contrato firmado em março de 1994 pelo Metrô e a multinacional, no valor aproximado de US\$ 50 milhões, por conta da inclusão de itens não previstos no edital e da prorrogação por nove anos, através de aditivos.

Em outubro de 2007, a Folha revelou que o Metrô vai gastar R\$ 70 milhões a mais na aquisição de 16 trens por ter retomado um contrato de 1992, herdado pela Alstom.

A informação de que o preço seria menor, caso houvesse nova licitação, é da própria

multinacional. O valor total é de R\$ 500 milhões. O Metrô negou haver prejuízo. O caso está no Tribunal de Contas do Estado.

Ainda segundo o "The Wall Street", as autoridades obtiveram documentos que indicavam que a empresa havia reservado US\$ 200 milhões para pagar comissões para fornecer equipamentos de US\$ 1,4 bilhão para a hidrelétrica de Itá, na região Sul do país.

A Eletrosul e a Tractebel, por meio de suas assessorias de imprensa, informaram não ter tido vínculos com o processo.

**(JOSÉ ERNESTO CREDENDIO, CINTIA CARDOSO e DIMITRI DO VALLE)**

(Folha de S. Paulo, Folha Cotidiano, 07/05/2008, p. C-3)

## **SOB SUSPEITA**

*Metrô decide investigar contratos firmados com a empresa francesa Alstom entre 1995 e 2003*

### **METRÔ DE SÃO PAULO**

Em contrato de **US\$ 45 mi**

Teriam sido pagos em propina **US\$ 6,8 mi**

### **HIDRELÉTRICA ITÁ (REGIÃO SUL)**

Em contrato de **US\$ 1,4 bi**

Teriam sido reservados **US\$ 200 mi** para pagamento de propina

OUTRO CASO: político não identificado teria pedido comissão de 7,5% para facilitar que a empresa firmasse contrato com o Metrô.

## **RAIO-X DA ALSTOM**

Projeta, fabrica e faz a manutenção de produtos e sistemas de infra-estrutura em energia, como centrais elétricas e turbinas, e em transporte ferroviário, como fabricação de carros e de sistemas de sinalização de vias.

Está presente em 70 países.

Tem 69 mil funcionários, 3.000 deles no Brasil.

OUTROS CLIENTES NO BRASIL: Companhia Vale do Rio Doce e CPTM.

Faturamento mundial no ano fiscal de 2006/2007: €14,2 bi.

Valor das encomendas recebidas no mesmo ano: € 19 bi

(Folha de S. Paulo, Folha Cotidiano, 07/05/2008, p. C-3)

## Outro lado

# Alstom nega envolvimento em corrupção

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

A Alstom nega ter envolvimento nas práticas de corrupção e pagamento de propina. Procurada pela Folha, a empresa afirmou que não comentaria "pontos específicos" das acusações. Em comunicado oficial, a companhia diz que as informações publicadas são baseadas em "hipóteses e especulações e que mencionam pessoas que nunca fizeram parte da empresa ou que deixaram o grupo em 2001".

As investigações sobre as atividades da Alstom foram conduzidas pela Divisão Nacional de Investigações Financeiras, órgão ligado ao Ministério do Interior da França, que ontem não respondeu às ligações da Folha.

Em Paris, os juízes Renaud van Ruymbeke e Xavière Simeoni são os responsáveis pelo caso, mas, até o momento, a Alstom não foi acusada.

A Alstom diz que não foi investigada por corrupção, e que nas audiências citadas seus funcionários participaram como testemunhas.

A maioria dos atos investigados ocorreram antes de 2000. A lei francesa não considerava como crime o ato de pagar propinas para obter contratos no exterior. A lei mudou em 2000, quando o ato passou a ser punido com até dez anos de prisão.

O ex-governador Geraldo Alckmin (PSDB) afirma não haver constrangimento devido à investigação. "Eu não tenho conhecimento. Mas se tiver que investigar, que se investigue. Eu assumi o governo em 2001, mas, se o contrato foi assinado no período do governador [Mário] Covas, tenho certeza de que ele teria o mesmo pensamento: apure-se."

A **Folha** procurou ontem quatro ex-presidentes do Metrô durante as décadas de 1990 e 2000. Miguel Kozma, ex-presidente (2002-2003) e secretário-adjunto de Transportes Metropolitanos entre 1995-2002, disse não se lembrar de nenhum grande contrato com a Alstom.

O antecessor de Kozma, o físico Caetano Jannini Neto, também foi procurado. Há um telefone em nome dele em Campinas (SP), que não era atendido ontem à tarde.

Também foi procurado Antonio Sergio Fernandes, presidente do Metrô na década de 1990, mas ele não foi localizado ontem. O mesmo ocorreu com Paulo Goldschmidt.